



# fotografia em marcha

9.º SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA DE SÃO PAULO

A. Campos.

*“Querer fixar imagens fugazes, eis não só uma coisa impossível — como se verificou após meticolosas pesquisas alemães —, mas até o simples desejo de querer fazer tal coisa é uma blasfêmia. O homem foi feito à imagem de Deus e a imagem de Deus não pode ser reproduzida por uma máquina construída por homens. Então, Deus iria abandonar repentinamente as suas eternas máximas, admitindo que um francês em Paris, solte uma invenção da espécie mais diabólica?!”.*

(Extraído de um artigo aparecido em 1839 no jornal alemão “Leipziger Anzeiger”).

*“Nunca o desenho dos maiores mestres produziu qualquer coisa de semelhante”.*

(Jules Janin, Paris, 1938, num artigo sobre Fotografia).

*“A invenção de Daguerre é cem vezes mais perspicaz do que a descoberta tão admirada de Leverier ao verificar a existência do planeta Uranus por meio de cálculos”.*

(Schopenhauer, 1851).

Promovida pelo Foto-Cine Clube Bandeirante, alcançou a 9.a Exposição de obras fotográficas, realizada em setembro na Galeria «Prestes Maia», um êxito plenamente justificado pela exibição de certo número de trabalhos que revelam um renovado critério de seleção e pela presença de verdadeiros valores, particularmente entre os participantes brasileiros. Com efeito, deve-se destacar o alto quociente de obras de proveniência brasileira ou nipo-brasileira, que ultrapassam em qualidade a média dos trabalhos. Não resta a menor dúvida, entre as quase 300 obras, havia várias francamente ruins, outras afundadas na mediocridade de um academismo espiegas e falta de visão original — e preponderavam aqui os trabalhos estrangeiros; todavia, um bom número de contribuições apresentava-se com as características necessárias para ser qualificado como arte na mais rigorosa acepção da palavra.

Se falamos de arte, neste sentido, referimo-nos aos momentos de criação pessoal e inconfundível, que entram na feitura da obra; a determinadas leis que distinguem o produto objetivo como artístico; e ao efeito estético sobre o «consumidor» adequado.

Hoje não se discute mais a questão se a fotografia pode ser arte, neste sentido. Reiniciar esta discussão significaria retroceder a uma época em que o jornal inicialmente citado conseguiu condensar tanta burrice em tão poucas palavras. A suposição de que o processo mecânico envolvido na fotografia necessariamente teria de matar os elementos criadores pertence em definitivo aos chavões liquidados. O piano é igualmente um aparelho com um mecanismo rígido sem que impeça, por isso, uma variedade imensa de interpretações expressivas. O mecanismo desloca o impulso criador para outros momentos, mas não o sufoca. Torna-se essencial o ato da escolha do objeto e do instante feliz em que a imagem externa corresponde à visão íntima do artista; o recorte, ângulo, composição, iluminação, gradação de profundidade, grau de nitidez, papel, filtros, etc. A liberdade do fotógrafo é suficientemente ampla para que possa imprimir à sua obra a marca da sua personalidade, exprimindo a sua intuição através do objeto livremente composto ou selecionado e tratado segundo os fins estéticos visados. A simples escolha dos objetos revela uma cosmovisão, o tratamento, recorte, ângulo, jogo de luz e sombra resultam em manifestação de uma sensibilidade.

Os três trabalhos de Geraldo de Barros (*Mensagem, Marginal!... Marginal!... Na Janela*), por exemplo, comunicam-nos imediatamente com um artista de sensibilidade marcante que se exprime com perfeição através do «mecanismo» da objetiva.

Nada pode ser mais «subjetivo» do que a objetiva, capaz de deformações intensamente expressivas. Através dela, o artista pode submergir na intimidade das coisas e arrancar-lhes o segredo que o olho humano, viciado por hábitos e por uma visão utilitária, dificilmente consegue descobrir. Precisamente em consequência da sua impassibilidade e por não ser dotada de uma consciência, que estabelece relações utilitárias, projetando as suas categorias interessadas sobre o mundo, precisamente por isso a objetiva registra o objeto em toda a sua inocência e plenitude. A nossa consciência seleciona pela atenção interessada e apreende as coisas no seu «Zuhandensein», no seu «estar-para-as-nossas-mãos», para usar uma expressão do filósofo Heidegger. A câmara, desapaixonada e não «engagée», apreende-as no seu «Vorhandensein», na sua independência do pragmatismo humano, restituindo-lhes a sua pureza de «objetos». Se nos permitirem um raciocínio um tanto audaz: o próprio termo «objeto» já está errado, pois um «objeto» só existe em relação a um «sujeito». Ora, a lente da câmara, a objetiva, não é um sujeito, mas uma coisa entre coisas, e por isso ela apreende o mundo material, ao qual ela pertence, na sua própria intimidade, apresentando as coisas como «sujeitos», dotadas de vida e alma próprias.

Quem achar essas considerações um tanto abstratas, procure lembrar-se dos três garfos paralelos de Tanetaka Okada, dos trabalhos de Kazuo Kawahara (*Espiral, Chafariz, Verão*), da «Espiral» de Manuel Pinheiro Rocha (Portugal), dos trabalhos de Masatoki Otsuka (*Reflexo, Espuma, Grade Moderna*), da obra denominada «Amarrado», de Fernando Palmerio, dos quadros de Castro Abilio Martins, Alberto Figueira, Raphael Landau, Armando Nascimento Jr., Hercules A. Perna, Asterio Rocha, Roberto Yoshida e de muitos outros, para verificar o que acima foi dito. Uma poça d'agua (*Reflexo, de Otsuka*), reproduzida por mão

de mestre, adquire maior significado do que vários dos oceanos apresentados conforme moldes acadêmicos.

Diante da objetiva neutra, as coisas se revelam em toda a sua beleza de formas e curvas não maculadas pela intervenção e correção pragmática do nosso cérebro; luzes e sombras parecem projetar-se pela primeira vez e as relações especiais (bem diversas na fotografia do que na realidade visual dos nossos olhos) apresentam-se plenas de uma harmonia e de um ritmo que o nosso sentido óptico já não consegue ver. A câmara restitui aos nossos olhos o dom maravilhoso de ver o mundo pela primeira vez, ainda embebido do mistério original que nós lhe roubamos.

Naturalmente, ao explorar o mundo mágico das coisas, das fisionomias, das paisagens e dos movimentos, a câmara está a serviço do artista que a utiliza como o seu instrumento. Os verdadeiros dramaturgos de todos os tempos escreveram as suas peças para o palco: sem o instrumento teatral a sua obra nada seria senão «literatura»; assim, o fotógrafo seleciona e compõe os seus motivos para a câmara que interpreta as suas intuições. E' por meio da objetiva que êle pensa, se expressa e «vê», como o compositor se expressa por meio dos instrumentos da orquestra. E' por meio da objetiva que êle redescobre o mundo visual, dotando-o daquela transparência estética que nos deixa entrever a sua vida íntima ou a beleza e harmonia que se desprendem das suas linhas e formas.

Muito bem diz por isso Gisèle Freund, no seu excelente livro «A Fotografia e as Classes Médias» (Edição em espanhol, Editorial Losada, Buenos Aires) que «Nadar foi o primeiro a redescobrir o rosto por meio do aparelho fotográfico. A objetiva submerge na própria intimidade da fisionomia...» Essa sensação da redescoberta, nós a tivemos diante de alguns dos retratos da exposição. Lembramos os trabalhos de Fredi S. Kleemann (particularmente «Huis Clos»), de Hector Quesada Zapiola (Argentina) e «Sex Appeal» de Francisco A. Albuquerque, de quem se distinguem também os trabalhos «Fundição» e «Dramas da Vida».

Como já foi dito, entre os trabalhos expostos figurava certo número de qualidade sumamente duvidosa, outros de mediocridade consumada, entre os quais alguns produzidos por nomes mais ou menos consagrados. Preponderavam os trabalhos de feitiço limpo, revelando conhecimento do ofício e aplicação, sem que mostrassem dons apreciáveis de ordem criadora. Todavia, o visitante da exposição sentiu-se compensado por uma vintena de excelentes obras, entre as quais ainda mencionamos «Esforço» e «Descanço» de Carlos Comelli, «Composição em Curva» e «Transpondo Quadrados», de Nelson Kojranski, «Funambule», de André Léonard (França). «Natural Design», de Gilbert Lum (excelente do mesmo também «Net and Floaters»), «Nature's Magic Tracery» de H. T. Morris (Inglaterra), «Portrait of an artist», de K. Pazowski (Inglaterra), (trabalho aliás já premiado no estrangeiro), «Steps and Stone», de Irving Schlackman (EE.UU.), «La Cathedrale Engloutie» e «Fuga», de Eduardo Salvatore e alguns outros.

Os amantes da arte fotográfica congratulam-se com o Foto-Cine Clube Bandeirante do 9.º Salão e pelos extraordinários progressos realizados desde a sua fundação, em 1939.